

A arqueologia conta histórias

CLARISSE CALLEGARI JACQUES

Há algum tempo os moradores da Vila Pia vêm observando nos campos e nas fazendas grandes valas cavadas na terra. São às vezes muito compridas, outras vezes estão ao lado de montes de terra que as acompanham. Estas valas são chamadas de Geoglifos, e foi descoberto que, olhando de cima, elas podem formar círculos, quadrados e linhas, dentre outras formas. Com a ajuda dos acreanos, arqueólogos estão desenvolvendo uma pesquisa de mapeamento, identificação e estudo destes Geoglifos. Mas afinal, o que faz a arqueologia?

Como arqueóloga, tive a oportunidade de conhecer na cidade de Rio Branco o Geoglifo do Tequinho e, em especial, a Vila Pia. Foram os professores e os alunos das escolas União e Progresso e Francisco de Assis II que me apresentaram a Vila Pia, através das nossas conversas, dos desenhos coloridos que fizeram, dos mapas e das figuras de massa de modelar. Conversamos sobre como são suas casas, como é o meio-ambiente na Vila, a que atividades se dedicam e que animais podemos ver nas redondezas. Também falamos sobre a história da Vila e das famílias que moram na região e fomos juntos conhecer o Geoglifo Tequinho.

Por intermédio do Projeto de *Musealização do Geoglifo Tequinho – Arqueologia comunitária no Acre*, tive a chance de conversar bastante, escutar histórias e conhecer um pedacinho do Acre. No entanto, depois de um tempo ficamos com algumas dúvidas sobre como este local, onde hoje estão morando as famílias da Vila Pia, era no passado. Nem todas as histórias contadas saciaram nossas curiosidades. Mas como podemos saber sobre o passado quando não temos alguém para nos contar?

A arqueologia pode nos auxiliar um pouco neste sentido, ela nos ajuda a conhecer o passado a partir dos vestígios materiais. E com a ajuda dos moradores do local, pois são eles que conhecem melhor a região, os arqueólogos podem contar também algumas histórias. A seguir vamos partir de algumas que escutei para depois falar sobre como os arqueólogos fazem para saber quem morou em um determinado local, como viviam as pessoas no passado e que atividades realizavam.

OS LUGARES TÊM HISTÓRIAS

Os arqueólogos gostam de escutar histórias. Elas nos ajudam a conhecer os lugares onde fazemos pesquisa e a pensar para quê serviam os vestígios do passado que encontramos hoje, como cacos de cerâmica, machados de pedras, valos, vasos de barro, cápsulas de bala e entre outros vestígios. Para entendermos como é o trabalho do arqueólogo, vamos trabalhar a partir de trechos de histórias contadas pelas pessoas nas escolas para imaginar quais testemunhos nós podemos estar deixando para trás no nosso dia a dia.

Durante as oficinas, um estudante me contou que mora em uma casa com a mãe e os irmãos mais velhos. Na casa dele tem uma cozinha, um banheiro, dois quartos e a sala para assistir televisão. Se fôssemos pensar em todos os objetos que temos em casa, como um arqueólogo do futuro poderia saber, a partir das evidências que ficaram para trás, onde fica a cozinha e onde fica o banheiro? Quais são os objetos que indicam estes lugares diferentes? O mesmo aluno contou que é reto – sem ondulações no terreno – lá na casa dele, com pasto, não tem valo, mas há mata. Será que a mata sempre existiu neste local? Ele lembra ter visto capivara, tatu e cobra-cipó perto da casa e também escutou contarem que por duas vezes viram o mapinguari por lá.

Outra estudante conta que gosta de ir pescar, e que vai com seu pai sempre que pode. Quando estão pescando seu pai conta muitas histórias, uma delas foi que naquele igarapé vive uma cobra que fica batendo o rabo para marcar o território. Disse que leva sempre uma vara de pesca e linha, mas que às vezes, quando vão a um rio maior, o pai leva rede também. A garrafa d'água também vai junto, para quando sentirem sede, e com sorte o cesto volta cheio de peixe. Será que alguém que entrasse na casa desta menina saberia que ela gosta de ir pescar com o pai? Onde estariam guardados a garrafa d'água, o anzol, a rede e o cesto? Será que todos estes objetos sobreviveriam ao longo do tempo para que pudéssemos encontrar no futuro?

Muitos outros colegas dos nossos contadores de história narraram fatos acontecidos no igarapé. Certa vez a tia de um menino foi tomar banho e ficou com muito medo porque lembrou da história de um peixe enorme que agarrou no anzol e puxou a pessoa para dentro do rio. Do mesmo jeito, dizem que não pode lavar roupa à noite porque a pessoa pode ser levada embora pelos “encantados” do lugar.



ESTUDANTES DESENHAM OS LUGARES ONDE MORAM, RICOS EM HISTÓRIAS.

FOTO: ACERVO DO PROJETO GEOGLIFOS

Vários meninos com quem conversei contaram que vão à escola todos os dias. Alguns vão de bicicleta, outros vão a pé. Mas todos contam que gostam muito de andar de bicicleta pela Vila, passando na frente das fazendas e das casas dos amigos. Aos domingos gostam de fazer churrasco com as suas famílias. Na casa de um deles, onde tem mata, viram tatu, paca, aranha caranguejeira e cobra-cipó. Ouviram falar, também, que tem um gato da mata que anda por lá, mas ainda não conseguiram vê-lo. Os animais da mata, as casas das pessoas e as árvores com frutas são exemplos de coisas que nos ajudam a nos localizar na Vila e saber

quais caminhos temos que percorrer para visitar nossos amigos, ir à escola, ir pescar, ir comprar açúcar, dentre outras atividades. Os caminhos percorridos fazem parte da nossa vida e contam muito sobre os nossos costumes.

E você, saberia nos contar sobre os objetos que fazem parte da sua rotina, os animais que viu, como são os lugares que mais gosta de ir no final de semana, ou o que mais gosta de fazer para se divertir?

ATIVIDADE

Lá onde eu moro tem...

Eu gosto de...

O motivo para conversar sobre todos esses assuntos é perceber como estamos sempre rodeados por objetos, e como também deixamos pistas (dicas) o tempo todo sobre onde estivemos, o que gostamos de comer e tudo o mais que fazemos. Uma bola de futebol molhada pode indicar que ela caiu no igarapé ou foi usada num campo molhado, assim como o pneu da bicicleta sujo de barro em um dia de sol pode indicar que o estudante usou o caminho mais longo para chegar em casa, onde uma vizinha estava molhando as plantas, por exemplo. As coisas também são boas para nos contar histórias, e o trabalho do arqueólogo investiga essas pistas para tentar reconstruir os caminhos que as pessoas fizeram.

Claro que os tipos de pistas ou vestígios que o arqueólogo encontra podem ser um pouco diferentes das que estamos falando aqui. Por isso, em seguida vamos conversar um pouco mais sobre o trabalho do arqueólogo, mas por enquanto vamos tentar pensar nos vestígios que nós estamos deixando para trás e que podem falar sobre a história da nossa vida.

Vamos usar o exemplo da escola como um exercício. Vamos imaginar que a escola ganhou um novo lugar para ficar, e que a escola antiga foi deixada como está. Com o tempo as paredes foram caindo, com vento e chuva o teto desabou, a madeira foi apodrecendo, foi acumulando poeira e crescendo vegetação no meio dos escombros. Que tipos de objetos e pistas iríamos encontrar se a escola fosse um sítio arqueológico? Como poderíamos diferenciar as salas de aula, será que há algum vestígio que possa indicar que em uma sala estudavam as crianças e em outra os estudantes mais velhos? Talvez algum material escolar perdido, esquecido para trás, era de menina ou de menino?

Na escola não existem somente salas de aula, há os banheiros, os corredores, a cozinha, a sala dos professores. Para podermos diferenciar onde costumava ser cada local destes, temos que ficar atentos para o lugar onde cada coisa foi encontrada. Desta forma, poderemos ir construindo, aos poucos, como em um quebra-cabeça, um mapa de como era a escola. Ou podemos tentar contar de quê as crianças brincavam depois da aula, onde faziam o lanche no intervalo, ou em que local da escola não encontraríamos nenhum vestígio.

O QUE FAZ O ARQUEÓLOGO?

A arqueologia é uma ciência, assim como a biologia, a matemática, a história, a física e muitas outras. Ela estuda o homem que viveu no passado através dos objetos e vestígios que ele deixou para trás.

Durante as oficinas nas escolas, escutei muitas histórias do tempo dos avôs e bisavôs contadas pelos estudantes. Às vezes nem sabemos mais quem contou a história pela primeira vez, de tão antiga que ela é. A arqueologia também conta histórias a partir das evidências, e usa todas as informações possíveis para tentar entender como as pessoas viviam no passado. Ela usa inclusive os relatos contados pelas pessoas do local, documentos antigos (que o historiador também estuda) e objetos guardados pelas comunidades para somar com outras informações que conseguimos em campo. Chamamos de “campo” aos locais onde há sítios arqueológicos e seu entorno, onde procuramos os objetos do passado e referências do presente, contadas pelas pessoas que moram no sítio.

Mas nem sempre temos alguém para nos ajudar ou algum documento escrito para participar da investigação, neste caso, a arqueologia se concentra principalmente nas evidências encontradas durante a pesquisa. Assim, podemos contar um pouco da história das pessoas que nem mesmo um parente nosso mais antigo conheceu.

Aprendemos que os objetos que fazem parte da vida de uma pessoa podem contar muito sobre ela, onde ela costuma almoçar, onde pescar e assim por diante. Dentre os inúmeros vestígios que o arqueólogo encontra, são exemplos antigas fogueiras, cacos de louça, valos, lascas de pedra, machados de pedra polida, vasos de cerâmica, ossos antigos de animais, muros de pedra, carvão, marcas de esteios, restos de objetos de metal antigo, montes de terra, esqueletos e muito mais. Sabemos também que nem todos os objetos que usamos no dia-a-dia sobrevivem ao longo do tempo, de forma que são mais difíceis de serem encontrados ou jamais serão encontrados pelos arqueólogos. Você consegue pensar em algum exemplo?

ATIVIDADE

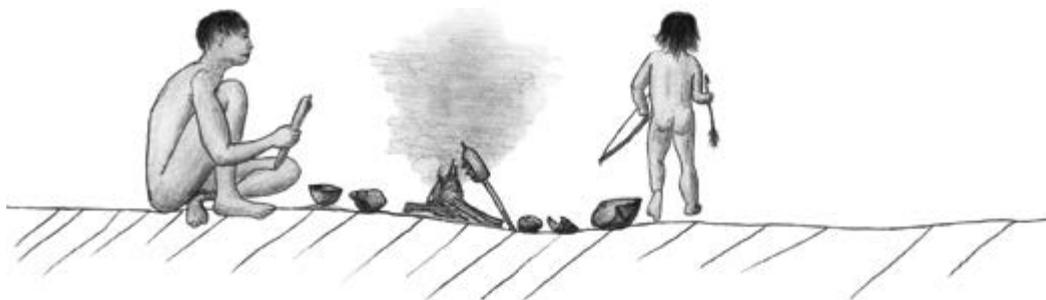
Em casa usamos os seguintes objetos que não vão sobreviver ao tempo:

Os restos dos animais usados para alimentação, por exemplo, se decompõem ao longo dos dias, mas às vezes conseguimos encontrar pequenos pedaços deles, principalmente se tiverem sido queimados. A madeira utilizada para construir casas, barcos, brinquedos, caixas, cercas e outras coisas também não sobrevivem, mas é possível encontrá-las em determinadas circunstâncias na forma de carvão. Assim, o que é perecível nem sempre dura, o que torna o trabalho do arqueólogo mais difícil. Em alguns lugares, devido às condições ambientais e climáticas, é possível encontrar coisas perecíveis como cestaria, esqueletos humanos e couro com mais frequência. Entretanto, na Amazônia, floresta tropical úmida, palha, madeira e tecidos desaparecem em pouco tempo, não deixam vestígios.

Outra forma de saber se este tipo de vestígio existiu em um local é analisando o solo. Quando a madeira antiga se desfaz, ela deixa pedaços muito pequenos e também elementos químicos na terra que não conseguimos enxergar com os olhos, por serem demasiadamente diminutos. Eles podem ser estudados por especialistas e nos ajudam com mais pistas sobre como as pessoas viveram no passado.

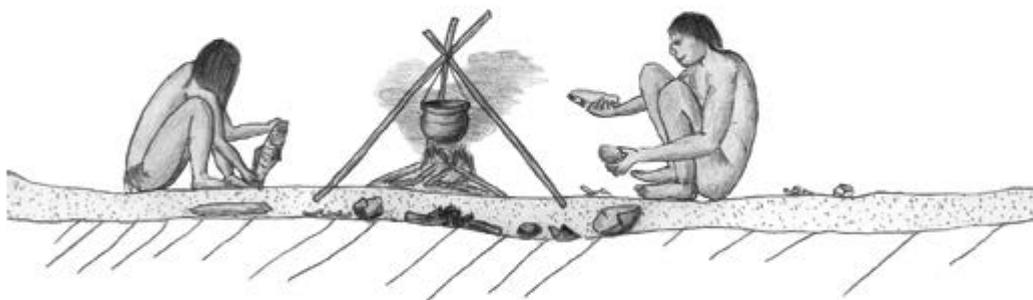
MOMENTO 1:

Primeiro acampamento.



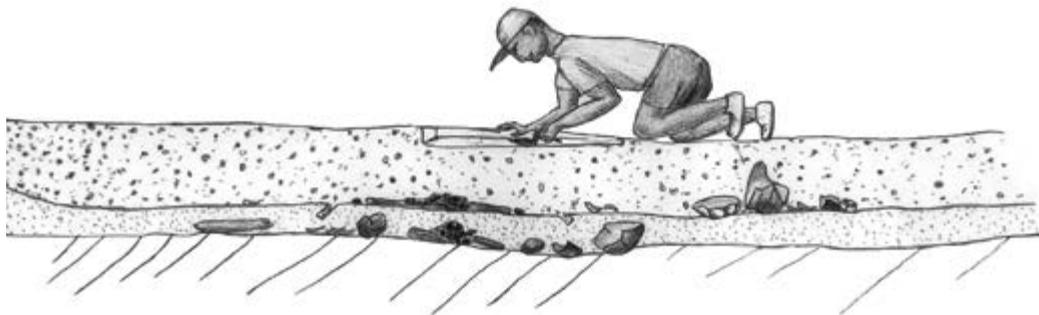
MOMENTO 2:

Segundo acampamento no mesmo local do primeiro, depois do lixo do primeiro acampamento ser enterrado com o tempo.



MOMENTO 3:

Muito tempo depois do material do segundo acampamento ser soterrado, chega o arqueólogo para fazer suas escavações.



EXEMPLO DE UM ANTIGO ACAMPAMENTO E O TRABALHO DO ARQUEÓLOGO DE REGISTRAR OS VESTÍGIOS MUITO TEMPO DEPOIS.

ILUSTRAÇÃO: ÂNGELO PESSOA

É possível que as coisas que existiam há muito tempo deixem marcas na terra que podemos ver facilmente, como marcas de fogueiras que escurecem o solo e manchas de antigos postes de palafita (casas construídas sobre estacas em lugares alagados). Algumas vezes encontramos esqueletos humanos acomodados dentro de grandes vasilhas de cerâmica (como se elas fossem as urnas que usamos para depositar nossos mortos, antes de enterrá-los) ou sepultados diretamente no solo sem urnas, redes ou outras formas de proteger o corpo.

A arqueologia é uma ciência abrangente, pois estuda assuntos diferentes. É comum que os arqueólogos se dediquem a áreas específicas de pesquisa. Por exemplo, alguns arqueólogos se dedicam somente ao estudo das ferramentas cortantes feitas de pedras encontradas em sítios onde viveram povos indígenas, ou dos tipos de louça de cozinha presentes nos lugares onde moraram descendentes de europeus e/ou de africanos. Outros profissionais se dedicam a estudar os vestígios que são encontrados embaixo d'água, como restos de embarcações que afundaram há muito tempo.

Para estudar tantos tipos de testemunhos e objetos diferentes, a arqueologia também pede ajuda para outras ciências como a geologia, que pode analisar o tipo de solo de um sítio; a botânica, que pode estudar os restos de sementes de plantas perdidas na terra e nos informar como era o meio ambiente na época; a matemática, que nos ajuda a entender a imensidão de informações organizadas em forma de números e nos aproximar das ações humanas passadas. A história também é parceira da arqueologia, pois busca estudar o homem no passado a partir dos documentos escritos e impressos, além de usar as narrativas de diversas pessoas.

EM BUSCA DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

Depois de um tempo conversando, os estudantes me perguntaram o que eu já encontrei durante as minhas pesquisas e o que considero mais interessante. Foi uma pergunta difícil de responder, pois cada vestígio pode nos levar a uma informação diferente e quando juntamos os dados é que podemos pensar melhor os diferentes jeitos que as pessoas viveram em cada local. E seguindo a nossa conversa entramos no assunto do trabalho do arqueólogo em campo. Como ele encontra todas estas evidências que ele estuda?

FIQUE POR DENTRO!

No momento em que é identificado um sítio, o arqueólogo o insere no Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos detalhando suas características como localização, tipos de vestígios encontrados e tipo de ambiente. Este cadastro é organizado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e através dele podemos ter uma ideia de quantos sítios existem em cada estado e em cada município do Brasil. É importante registrarmos a existência dos sítios para que eles possam ser preservados.

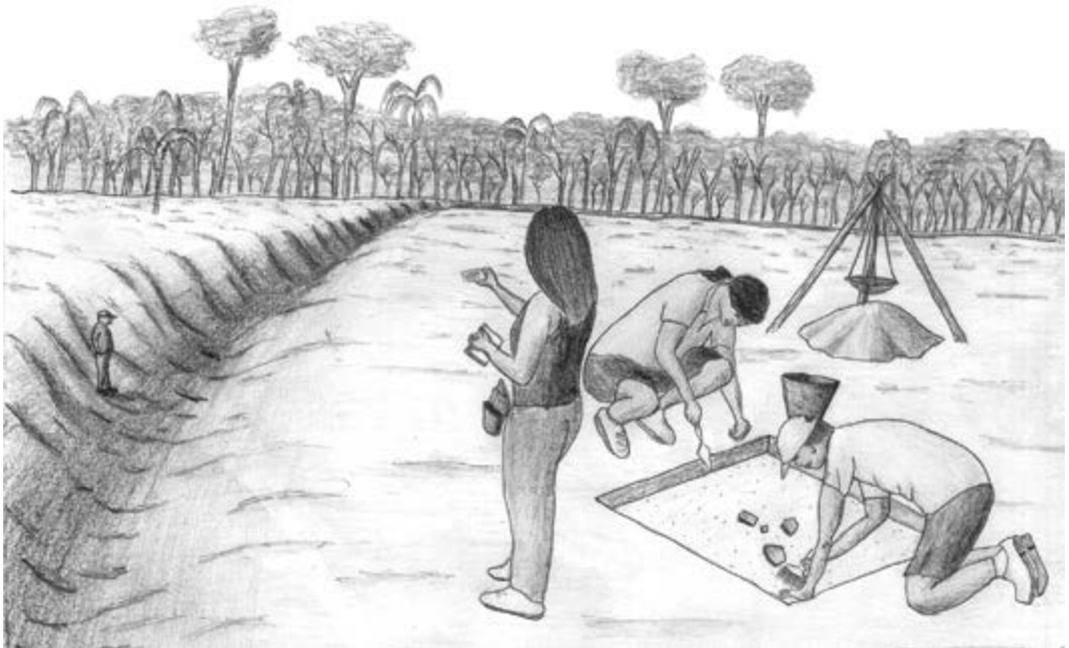
Elas podem ser encontradas embaixo da terra ou podem ser vistas na superfície. Quando não são visíveis, é preciso escavá-las para poder estudá-las. Mas como os arqueólogos decidem onde vão escavar? O primeiro passo é identificar o sítio, ou seja, descobrir o local onde as coisas se encontram. Existem diferentes formas de fazer isso, podemos caminhar pela área procurando estes testemunhos no chão; ou também conversar com os moradores antigos do local que podem ter encontrado ou ouvido falar de objetos interessantes. Muitos sítios foram localizados através da leitura dos relatos de viajantes – pessoas que vindas de outros lugares e que com curiosidade registraram os achados em diversos pontos – ou de outros pesquisadores que andaram na região. Hoje, os arqueólogos podem identificar sítios observando fotos aéreas e imagens de satélite e até sobrevoando as áreas onde se supõem existirem sítios arqueológicos.

Uma vez encontrado um lugar com vestígios, sua localização é registrada na maior parte das vezes com um aparelho chamado de GPS (Sistema de Posicionamento Global), que se comunica com satélites e que por isso sabe informar a nossa localização. O próximo passo é tentar entender o tamanho do sítio e a profundidade em que se encontra o material embaixo da terra, e assim poderemos planejar como será o trabalho de pesquisa.

Uma das formas de fazer isso é usando o método geofísico de eletrorresistividade, ou seja, são enviados impulsos elétricos (ou outros tipos de energia) por baixo da terra, que são capazes de detectar se existe algum objeto ou perturbação no solo. Assim, com a ajuda dos profissionais da física, os arqueólogos conseguem ter uma ideia de onde podem começar a escavar.

A outra forma é escavando quadrículas (aberturas no solo com formato quadrangular, como quando se fura um poço que se produz um buraco) em diferentes locais e vendo onde existem vestígios e que tipo estão aparecendo. Mas o arqueólogo não sai escavando de qualquer jeito! É importante não esquecer que estas quadrículas são escavadas com muito cuidado e os quadrados são marcados com trenas (fitas métricas) e barbantes. O arqueólogo segue escavando enquanto ainda estão aparecendo vestígios que possam ser estudados.

A escavação é um trabalho minucioso e exige paciência, pois é necessário prestar atenção ao tipo de solo (a terra que está cobrindo os artefatos) e estar atento a qualquer vestígio que possa aparecer.



Em escavações grandes, o arqueólogo marca várias quadras (ou quadrículas), elas são importantes porque nos permitem ter um controle de onde está aparecendo cada artefato. Conforme eles vão aparecendo com a escavação, são medidos com uma régua e desenhados em uma folha; depois ganham um saco plástico específico com a informação escrita de onde saíram. Desta forma, quando forem estudados em laboratório, sabemos exatamente onde eles foram encontrados e podemos começar a entender o que estava acontecendo naquele lugar.

Vale lembrar que as coisas abandonadas em períodos mais antigos ficam mais profundas que as abandonadas mais recentemente.

É importante saber que quando escavamos as quadrículas, devemos fazer as paredes destas de forma reta para poder observar todas as camadas de terra que foram se acumulando, uma em cima da outra, ao longo do tempo, como se fosse um bolo com várias camadas de recheios que por sua vez podem ser diversos. Esta informação pode nos dar uma ideia da antiguidade do sítio, pois o que foi encontrado mais embaixo vai ser sempre mais antigo do que o encontrado mais perto da superfície.

ACIMA, ESCAVAÇÃO ARQUEOLÓGICA E REGISTRO FOTOGRÁFICO EM GEOGLIFO.

ILUSTRAÇÃO: ÂNGELO PESSOA

Para anotar todas as informações que o arqueólogo consegue em campo, seja a localização de um sítio novo, seja a forma como ele usou para escavar o sítio, que tipo de vestígio ele encontrou e em qual profundidade e entre as muitas informações que o arqueólogo deve registrar, ele possui um caderno que chamamos de diário de campo. A preocupação em anotar os detalhes, referentes ao sítio, existe porque devemos sempre ter em mente que o vestígio que escavamos jamais voltará ao lugar onde foi encontrado e retirado. Por isso, é muito importante anotar sempre no diário de campo todas as atividades e observações que foram feitas, pois isso servirá também de informação para outras pessoas que um dia se interessem em estudar este local.

O arqueólogo toma muito cuidado em guardar todo o material encontrado no sítio arqueológico para depois ser estudado complementarmente em laboratório.

ANALISANDO OS VESTÍGIOS EM LABORATÓRIO

Após a etapa de campo, o arqueólogo volta para o laboratório para organizar todas as informações que ele conseguiu na prospecção ou na escavação, ou seja, os textos, fotos, desenhos, vestígios, amostras de sedimento, entre outros. O diário de campo com todas as informações da prospecção ou da escavação é digitado no computador e as fotos e os mapas são catalogados, pois este material é o registro do trabalho realizado no sítio. Como comentamos antes, um dia, quando outro arqueólogo quiser estudar este sítio, ele poderá ter acesso às informações possíveis. Isso porque, fora os artefatos coletados, as informações são o registro do que restou da área do sítio escavada.

No laboratório, o material coletado no sítio vai ser lavado – peça por peça – e numerado. Cada fragmento de cerâmica, vidro ou pedra lascada vai ganhar um número, que vai ser escrito na peça. Este número contém todas as informações necessárias para sabermos onde este artefato foi encontrado no sítio. Todo o material será também guardado de forma organizada em caixas ou gavetas no acervo da instituição, permitindo o acesso a este material a qualquer pesquisador ou visitante sempre que necessário.

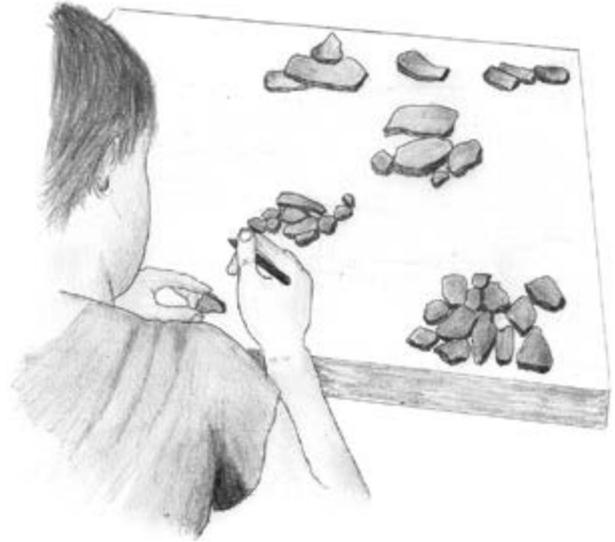
Além disso, todos os mapas feitos em campo, onde foram desenhados os artefatos e os vestígios encontrados na escavação são também

passados para o computador. O computador ajuda muito o arqueólogo a organizar as informações através, por exemplo, da criação de enormes mapas dos sítios, onde podemos ver desenhados todos os artefatos que foram encontrados, como em uma fotografia.

Que tipo de informação os artefatos podem nos dar sobre o passado das pessoas que viveram no local do sítio? Esses objetos são analisados um por um e podem nos dar diferentes informações. Ossos humanos podem nos dizer a idade da pessoa que viveu naquela época, sua estatura, se era homem ou mulher, e até que tipo de doença esta pessoa tinha. Os ossos de animais nos dão informações sobre quais animais que existiram naquela época e, quando estão junto de fogueiras, podem nos informar que tipo de caça era comum nas refeições diárias. Os fragmentos de cerâmica indígena antigos, os cacos de vidro e os pedaços de louça quebrados podem nos dizer se estavam sendo usadas panelas, pratos, xícaras ou potes naquele local. Os pedaços de pedra lascada nos indicam se os instrumentos estavam sendo produzidos no local ou trazidos de outro lugar, e se foram usados para cortar carne ou madeira. Até a terra coletada em campo pode nos dar informações, quando analisada por um especialista.

É desta forma que a arqueologia nos ajuda a contar histórias. Olhe para os lados! Quantos objetos estão presentes ao seu redor que podem informar sobre os seus gostos, costumes, profissão, idade e muitas outras coisas? Nós também somos pessoas que estamos constantemente deixando para trás pistas sobre a nossa vida. Muitos destes objetos um dia vão virar lixo, vão ser deixados para trás. Assim, podemos dizer que o arqueólogo também trabalha com estes resíduos esquecidos, abandonados ou jogados fora e que um dia podem virar uma pista sobre a vida de alguém no passado.

Os pesquisadores arqueólogos fazem aberturas no solo, estudam ossos, são exploradores, fazem entrevistas com as pessoas da



ANÁLISE DE CACOS DE CERÂMICA EM LABORATÓRIO.

ILUSTRAÇÃO: ÂNGELO PESSOA

comunidade. O que eles encontrariam no futuro se fossem escavar a sua escola? E uma casa? E o campo de futebol?

Os arqueólogos quando escrevem os resultados das suas pesquisas também estão contribuindo para conhecer quem nós somos e de onde viemos. Os vestígios são importantes porque contam sobre a nossa vida, é por isso que são considerados nosso patrimônio e devem ser preservados.

A ARQUEOLOGIA ESTUDA O NOSSO PATRIMÔNIO

A arqueologia é uma ciência que estuda o patrimônio, que um dia pertenceu a um grupo de pessoas, mas que hoje conta sobre a história de todos nós. Quando usamos a palavra patrimônio no nosso dia a dia, geralmente nos referimos às coisas que possuímos, como: casa, carro e objetos pessoais. A palavra é usada para se referir às coisas que pertencem a todos nós e que contam sobre os nossos costumes, o lugar onde vivemos e as atividades que fazemos; como o tacacá, o jeito de fazer farinha, as festas regionais e, também, as histórias que contamos. Assim, além dos objetos que possuímos, os elementos da natureza e os recursos naturais como as árvores, as cachoeiras, os animais, a paisagem e ainda o conhecimento, as técnicas e os saberes das pessoas compreendem o patrimônio. Todos estes elementos estão conectados, pois para fazer uma mesa usamos técnicas e saberes da marcenaria, a madeira oferecida pela natureza e, como resultado, temos o objeto. E para além de disso tudo, os vestígios arqueológicos são considerados, também, patrimônio.

O sítio arqueológico Tequinho, por exemplo, é considerado patrimônio, assim como todos os outros geoglifos identificados no estado do Acre. Eles são um testemunho impressionante, que percebemos que não foi feito pela natureza e sim pelos humanos. São valos grandes ou montes de terra que, para serem produzidos, demandam movimentação de terra que indica trabalho humano, no caso de tempo passado. Os pesquisadores se interessaram por eles, mas as pessoas que moram no local tinham visto as formações bem antes, e imaginavam para que eles serviam e quem os havia feito. Mais tarde, os arqueólogos fizeram mais pesquisas e através de escavações encontraram cacos de cerâmica, marcas de antigos postes ou esteios, carvão, fragmentos de ossos e possíveis instrumentos feitos de pedra.

Mas o patrimônio não se refere somente ao passado. Como conversamos, ele “diz muito” sobre nós hoje! Note bem, mesmo que as origens e a história refiram ao passado. As vasilhas de cerâmica, os machados de pedra e os valos ainda existem hoje e continuam a causar curiosidade quanto ao seu significado para as pessoas que os encontram. Assim, os vestígios que são nosso patrimônio se referem ao passado, mas também possuem importância no presente, pois contam sobre a nossa história e sobre quem somos.

Quais seriam os lugares, os objetos e as histórias importantes da Vila Pia que você gostaria de contar para as pessoas que vierem visitar os geoglifos? Muitos estudantes me contaram, durante as oficinas nas escolas, mas aposto que você também sabe contar! Quem conhece o patrimônio da Vila Pia são os moradores, e eles são as melhores pessoas para contar as histórias e explicar como é a vida neste local. Além disso, são eles que podem cuidar deste patrimônio e ensinar para outras pessoas a importância de preservar.

Aprendemos que a arqueologia também faz parte do nosso patrimônio, e este patrimônio são os sítios arqueológicos e as pistas deixadas por pessoas que viveram no passado. No entanto, queremos lembrar que a arqueologia investiga as evidências, mas a principal preocupação desta ciência é estudar o homem e o seu modo de vida.

Os arqueólogos nos ajudam a saber um pouco mais sobre o nosso passado, mas eles aprendem muito com as histórias que as pessoas contam. Os lugares que achamos importantes mostrar para as pessoas que visitam a região são o patrimônio do local tanto quanto os vestígios arqueológicos. As informações que os arqueólogos conseguem através das pesquisas, dos depoimentos, das histórias e das escavações são ricas, contam sobre o passado de povos indígenas, imigrantes europeus, e descendentes de africanos, portanto é importante preservar os sítios arqueológicos.